



DOSSIÊ: GEORGE ORWELL

Geopolítica da Distopia: o sistema de dominação em *1984*

Leonardo Lucena Trevas¹
Universidade de Campinas
ltrevas@gmail.com

Como citar este artigo: TREVAS, L. L. “Geopolítica da Distopia: o sistema de dominação em *1984*”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 13-25. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

Resumo: O presente trabalho busca iluminar alguns aspectos do *1984* de Orwell que estão mais ligados à geopolítica e à história, traçando paralelismos com pessoas, países e processos que ocorreram após a Segunda Guerra Mundial. Também procura tratar do sistema de dominação presente na história fictícia do livro e nas potências daquele mundo: Oceânia, Lestásia e Eurásia. Para isso, o objeto deste estudo é o Capítulo IX da parte II de *1984*.

Palavras-chave: 1984. Geopolítica. Sistema de Dominação.

Dystopian Geopolitics: 1984's domination system:

Abstract: This work intends to shed light upon some aspects of Orwell's *1984* mostly linked to geopolitics and history, drawing upon parallelisms with people, countries and processes that were taking place after World War II. Also, it takes a look at the domination system present in the book's lore and that world's superpowers: Oceania, Eastasia and Eurasia. For that purpose, Chapter IX, Part II of *1984* is the object of this study.

Keywords: *1984*. Geopolitics. domination system.

Introdução

¹ Doutorando em Teoria e História Literária pelo IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Estudos Linguísticos e Literários pela FFLCH – USP e bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco. A tese, em processo de finalização, se chama *1984: a distopia perfeita*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5020-0324>

Este trabalho pretende apresentar brevemente ao leitor/leitora alguns paralelismos históricos encontrados na obra *1984*, especialmente com relação ao panorama geopolítico da Guerra Fria que se desenhava no final dos anos 1940, quando George Orwell publicou o seu maior livro. Essas relações entre ficção e história são importantes para a compreensão do pensamento político do escritor inglês. Para isso, nos demoramos no capítulo IX da Parte II de *1984*, onde o foco narrativo deixa o protagonista Winston para se debruçar em *Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico*, que é um livro-dentro-do-livro, supostamente escrito por Emmanuel Goldstein, ex-membro do Partido da Oceânia e fortemente inspirado na figura histórica de Leon Trótski.

Sistema de dominação

O mundo de *1984* e o sistema de dominação das três potências (Oceânia, onde ocorre a ação da trama; Eurásia; e Lestásia²) funcionam como uma hipérbole, isto é, um exagero, até o limite, dos paralelismos históricos que inspiraram Orwell em seu tempo. As fronteiras entre os territórios ocupados pelos blocos de *1984* são aproximadamente semelhantes às fronteiras das três grandes potências militares da atualidade (Estados Unidos, Rússia e China) e de suas respectivas esferas de influência. A Oceânia, país de Winston, do Big Brother e do INGSOC³, compreende as Américas, o continente da Oceania e as Ilhas Britânicas (onde situa-se o romance: Airstrip One, um dos distritos da Oceânia, e sua capital Londres). A Eurásia, de maneira auto-explicativa, inicia-se nos antigos territórios de Portugal e Espanha até o lado asiático do Estreito de Bering. A Lestásia tem as suas fronteiras entre o norte da China e a Mongólia e o sudeste asiático. É possível encontrar um paralelo com Eurásia, Oceânia e Lestásia e as alianças militares criadas no século XX, de maneira que suas estruturas se assemelham à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e ao Pacto de Varsóvia. O que diferencia os blocos das superpotências fictícias e das reais é, essencialmente, a natureza do conflito bélico. Enquanto

²Utilizamos aqui os nomes de acordo com a tradução de *1984* de Heloísa Jahn e Alexandre Hubner, da Companhia das Letras (2009).

³*English Socialism*, a ideologia oficial do Partido. Note que a palavra socialismo ocorre aqui de maneira semelhante ao nome da ideologia nazista alemã (Nacional-Socialismo, no original *Nationalsozialismus*), de maneira que compreende um sentido e uso lato da palavra “socialismo”, bem como está associada a um adjetivo que caracteriza uma ideia de nação (*English/National*).

as políticas de *détente*⁴ nuclear impediram a OTAN e o Pacto de Varsóvia de entrarem em um conflito armado aberto (que resultaria na eliminação mútua), Eurásia, Oceânia e Lestásia se mantêm em um estado de guerra perene: “*it is always the same war – one must realize in the first place that it is impossible for it to be decisive*”⁵. Além da *détente*, a Otan e o Pacto de Varsóvia encontravam no instrumento da guerra de procuração (*proxy war*) uma maneira de alcançarem seus objetivos geopolíticos, estratégicos e militares sem a necessidade de um conflito direto (vide a Guerra do Vietnã e a Guerra das Coreias). Também empregavam as chamadas *black operations* (assassinatos de líderes, intervenção em eleições, financiamento de milícias e grupos opositores, etc), um instrumento de guerra sutil que tornou-se mais comum a partir da Doutrina Eisenhower (1953-1961)⁶. “*But in a physical sense war involves very small numbers of people, mostly highly trained specialists, and causes comparatively few casualties*”⁷. Orwell viveu o suficiente para ver a assinatura do Tratado do Atlântico norte, em 4 de abril de 1949. Apesar de que, à época da formação do Pacto de Varsóvia (14 de maio de 1955), ele já não estivesse mais vivo, é possível achar em seus artigos de opinião receios quanto à influência de um bloco militar e econômico sob o jugo da União Soviética.

A OTAN possui hoje 30 estados-membros, dentre eles Estados Unidos e Canadá (na América do Norte), quase a totalidade da Europa⁸, incluindo antigos membros do Pacto de Varsóvia: países da ex-URSS, como Lituânia, Letônia e Estônia; República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia, Polônia e Albânia são membros que faziam parte da esfera de influência soviética e estiveram no Pacto de Varsóvia até a sua dissolução em 1991 (bem

⁴Também conhecida como teoria da dissuasão.

⁵1984, p.186. “É sempre a mesma guerra - e deve-se perceber, em primeiro lugar, que é impossível que ela seja decisiva” (trad. livre).

⁶Dwight D. Eisenhower foi um general das forças armadas norte-americanas que atuou como comandante supremo das Forças Aliadas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Elegeu-se presidente em 1952 pelo partido Republicano e foi instrumental no desenvolvimento da política anti-comunista que caracterizou aquele início da Guerra Fria. Foi um dos primeiros comandantes militares a utilizar as *black ops* como instrumento para os interesses norte-americanos. Contraditoriamente, foi um dos primeiros e mais verbais críticos daquilo que ele mesmo chamaria Complexo Militar-Industrial, que trataremos mais a fundo neste capítulo.

⁷1984, p.186. “Mas, em um sentido físico, a guerra envolve pequenos números de pessoas, a maioria delas especialistas altamente treinados, causando comparativamente poucas baixas” (trad. livre).

⁸Excetuam-se Suíça, Áustria, Chipre, Finlândia, Irlanda, Malta e Suécia.

como a República Democrática da Alemanha, conhecida como “Alemanha Oriental”⁹). É possível considerar que a América Latina, a Austrália e a Nova Zelândia, bem como a África do Sul, estão sob influência da esfera estadunidense, se encaixando então no paralelo histórico OTAN – Oceânia. Notemos que os povos sob o jugo da Oceânia estão imersos no contínuo sociolinguístico da anglofonia, o que certamente não é um mero detalhe, tendo em vista o interesse de Orwell na língua inglesa e em seus usos. A guerra por procuração em 1984 ocorre de maneira distinta. Ao contrário da Guerra do Vietnã – o exemplo paradigmático de *proxy war* –, não há uma URSS dando apoio logístico e financeiro a um Vietnã do Norte, nem os EUA fazendo o mesmo com Saigão e o Vietnã do Sul. Em contrapartida, encontramos no *lore*¹⁰ de 1984 as três superpotências disputando territórios (o eixo Tânger-Brazzaville-Darwin-Hong Kong) que não são estados nacionais e, portanto, sequer possuem defesas militares, não se configurando como entidades políticas distintas. De toda forma, Oceânia, Lestásia e Eurásia disputam esse território neutro: uma grande *no man’s land* que contém boa parte da população do mundo e uma massiva força de trabalho, pronta para ser colonizada (e recolonizada) e posta à serviço da manutenção da indústria armamentista: “*it is a warfare of limited aims between combatants who are unable to destroy one another, have no material cause for fighting and are not divided by any genuine ideological difference*”¹¹. Vemos então, em 1984, os germens de três elementos que se tornariam visíveis a partir da segunda metade do século XX: **a guerra por procuração, o complexo industrial-militar e o conflito geopolítico entre três grandes blocos**. Estes eram, no século passado: OTAN, Pacto de Varsóvia e China. Hoje, seus sucessores são os EUA, Rússia e China (e suas respectivas esferas de influência) e, ainda que a ideologia predominante de cada bloco tenha

⁹A antiga Iugoslávia não fazia parte do Pacto de Varsóvia por conta da postura não-alinhada do Marechal Josip Broz Tito, um dos articuladores do movimento da Terceira Via. Países que faziam parte da Iugoslávia e são membros da OTAN hoje: Eslovênia, Macedônia do Norte, Croácia, Montenegro (dados de agosto de 2020).

¹⁰Usaremos o termo *lore*, em inglês, para nos referir à história fictícia, intradieética, daquele mundo de 1984.

¹¹1984, p.186. “É um conflito de objetivos limitados entre combatentes que não podem destruir um ao outro, não possuem uma causa material para lutar e não estão divididos por qualquer diferença ideológica genuína” (trad. livre).

mudado, seus conflitos atuais giram em torno de questões econômicas e geopolíticas semelhantes¹².

Territórios disputados

No *lore* de 1984 há um quadrilátero imaginário que liga quatro cidades de três continentes. São elas: Tânger (Marrocos, Norte da África), Brazzaville (República do Congo, África Subsaariana), Darwin (Territórios do Norte da Austrália) e Hong Kong (Sul da República Popular da China). Esse quadrilátero atravessa a linha do Equador e compreende boa parte da população terrestre, sendo o interesse principal das superpotências o de controle dessas populações, enquanto força de trabalho para a produção de armamentos, movimentando a economia bélica e mantendo o estado de guerra perene: “*it is a war for labor power [...] they contain a bottomless reserve of cheap labor*”¹³. A dominação desses povos está ligada a uma lógica colonial. As superpotências cometem suicídio econômico programado, isto é, exaurem o excedente de produção por meio do esforço de guerra. Isso resulta em um padrão geral de vida bastante baixo, mesmo para aqueles burocratas de estado que compreendem uma espécie de classe média, como Winston e os outros membros do Outer Party (Isso não vale para os membros do Inner Party, como O’Brien). Segundo Emmanuel Goldstein, a escassez material resulta na leniência e passividade da população em geral, especialmente nos proletas. Ela surge de maneira diferente nesses últimos, já que mantêm-se alienados com a produção da Indústria Cultural oceânica, com seus livros baratos, operetas e

¹²A China tem, desde os anos 1980, se afastado da doutrina de Mao Zedong que culminou na chamada Revolução Cultural dos anos 1960 (isto é, voltada à expansão da economia agrária), desenvolvendo-se de acordo com o “Socialismo de Mercado” implantado por Deng Xiaoping, uma espécie de sistema misto em que a economia planejada se abre parcialmente ao mercado, com o controle majoritário do Partido Comunista da China estabelecido nos conglomerados. No caso da Rússia, ocorre desde os anos 1990 a transição do comunismo soviético (devidamente alterado pelas políticas de Glasnost e Perestroika de Mikhail Gorbachov) para o capitalismo de estado de tendências autoritárias e neofascistas galgado na Quarta Teoria de Aleksandr Dugin, ironicamente fundador do “Partido da Eurásia” e um dos mentores do presidente Vladimir Putin. Em relação aos Estados Unidos da América, é possível ver, desde os anos 1970, o rompimento dos preceitos keynesianos e desenvolvimentistas erigidos no programa de governo de Franklin Delano Roosevelt em seu New Deal, a partir da Crise de 1929. Atualmente, o chamado capitalismo tardio atravessa a sua fase neoliberal, cujos paradigmas remontam ao governo de Ronald Reagan (1981-1989) e desde então tem sido minimamente alterados.

¹³Idem, p.187. “É uma guerra pela força de trabalho. [essas regiões] contém reservas sem fim de mão-de-obra barata” (trad. livre).

filmes, todos feitos à máquina – possivelmente uma versão distópica dos *pulp fiction* e romances de mistério que eram muito comuns nos anos 1940. Na população correspondente ao Outer Party, sabemos que a ideologia oficial opera esse mesmo papel, tendo em vista que os produtos culturais feitos para essa “classe média” são baseados no INGSOC, verdadeiros materiais de propaganda.

Os territórios disputados no eixo Tânger-Brazzaville-Darwin-Hong Kong são o cenário de uma eterna guerra de proporções limitadas: as disputas geopolíticas dos três estados nunca chegam a ocorrer em território nacional de uma das potências, mas sim sempre no grande *no man's land* que compreende o quadrilátero do eixo. Nós entendemos que o conflito entre esses três estados supranacionais é bem definido pelo termo “guerra limitada”, na acepção clausewitziana¹⁴ – “uma negociação enquanto se luta” (DUARTE, p.46)¹⁵. Isto é, são conflitos iniciados por motivos pontuais e circunstanciais, que são encerrados mediante um acordo de paz ou uma aliança, e tem como base um cálculo racional. “Há a tomada de objetos considerados de valor pelo oponente e a destruição ocasional de suas forças combatentes”, mas “o lado em ofensiva evita ultrapassar o chamado ponto culminante do ataque, ou seja, uma condição de correlação de forças em que o lado mais forte não tem superioridade suficiente para manter a iniciativa, o avanço e a condução de enfrentamentos ofensivos com alguma expectativa razoável de sucesso” (DUARTE, p.38). Ou seja, a guerra entre as potências de 1984 – apesar de ser perene – consiste em uma sucessão de conflitos limitados, com objetivos militares específicos e, como acompanhamos Winston, no início do Cap. IX da Parte II de 1984, terminam com alianças com o inimigo anterior e a consequente eliminação de todos os registros que demonstrem que o arranjo político presente tenha sequer ocorrido. Vejamos a afamada passagem que narra a conclusão da Semana do Ódio: On the sixth day of Hate Week, after the processions, the speeches, the shouting, the singing, the banners, the

¹⁴ Carl von Clausewitz foi um militar prussiano que lutou do lado da Prússia e do Império Russo durante as guerras napoleônicas do início do século XIX, e é considerado pelos estudiosos de geopolítica e estudos estratégicos como o fundador de uma teoria moderna para a guerra.

¹⁵ DUARTE, Érico Esteves. Saber Sobre A Guerra: a teoria de Carl von Clausewitz in LUCENA SILVA, Antonio Henrique; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W.M. Introdução aos Estudos Estratégicos. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.

posters, the films, the waxworks, the rolling of drums and squealing of trumpets, the tramp of marching feet, the grinding of the caterpillars of tanks, the roar of massed planes, the booming of guns – after six days of this, when the great orgasm was quivering to its climax and the general hatred of Eurasia had boiled up into such delirium that if the crowd could have got their hands on the two thousand Eurasian war criminals who were to be publicly hanged on the last day of the proceedings, they would unquestionably have torn them to pieces – at just this moment it had been announced that Oceania was not after all at war with Eurasia. Oceania was at war with Eastasia. Eurasia was an ally. (1984, p.180)¹⁶

A troca de aliados ecoa um outro paralelismo histórico, dessa vez de antes da Segunda Guerra: o pacto Molotov-Ribbentrop, assinado pelos respectivos ministros do exterior da União Soviética e Alemanha nazista. O acordo, feito alguns meses antes do início da guerra, estabeleceria a não-agressão entre as potências e também a divisão de territórios dentro da esfera de interesse de ambos, como a Polônia. O pacto fracassou miseravelmente com a Operação Barbarossa iniciada em 22 de junho de 1941, quando os nazistas invadiram a Rússia. Orwell foi grande crítico do acordo, e é possível encontrarmos na promiscuidade ideológica das superpotências de 1984 uma hipérbole das vicissitudes do jogo político daqueles tempos.

A natureza do conflito é a manutenção da guerra

Segundo Goldstein, as três potências não têm, entre si, conflitos ideológicos significativos; suas economias são completamente voltadas para o mercado interno (não existe o comércio exterior) e, portanto, não há a necessidade de disputar novos mercados – como ocorria nas disputas coloniais do velho capitalismo. O que justificaria, então, a guerra perene composta de

¹⁶ “No sexto dia da Semana do Ódio, após as procissões, os discursos, os gritos, a cantoria, os banners, os pôsteres, os filmes, as figuras de cera, o rufar de tambores, e o soar de trompetas, as pisadas de pés marchantes, o moer das lagartas dos tanques, o rugido de esquadrilhas de aviões, o estrondo das armas - após seis dias disso, quando o grande orgasmo chegava ao seu clímax e o ódio generalizado pela Eurásia fervia até tal delírio que, caso as massas pusessem as mãos nos dois mil prisioneiros eurásianos que seriam enforcados publicamente no último dia dos julgamentos, seriam inquestionavelmente destroçados - justo naquele momento, havia sido anunciado que a Oceânia não estava, afinal, em guerra com a Eurásia. A Oceânia estava em guerra com a Lestásia. A Eurásia era aliada” (trad. livre).

sucessivos conflitos limitados? Para Goldstein, é a disputa pela força de trabalho das populações do eixo TBDHK¹⁷. Essas populações estariam submetidas à um jugo colonial e escravocrata, uma mão-de-obra essencialmente extrativista, forçada a retirar da natureza as commodities da indústria primária que alimentam a máquina de guerra perene que, por sua vez, permite a manutenção do sistema de dominação da Oceânia, Eurásia e Lestásia.

Mas a grande diferença entre os paralelos históricos que encontramos e o sistema de dominação descrito no romance é a natureza do estado de guerra perene. A questão primordial é que o jugo dos povos do eixo TBDHK não é essencial para a economia daquelas potências: “*but if they did not exist, the structure of the world society, and the process by which it maintains itself, would not be essentially different*”¹⁸. A riqueza gerada por essa força de trabalho é completamente utilizada na subsistência da própria guerra. Segundo Goldstein, o objetivo último da Oceânia e outros é “*to use up the products of the machine without raising the general standard of living*”¹⁹ (IDEM). Essa lógica perversa está diretamente ligada à questão crucial da natureza do regime, de acordo com O’Brien: a manutenção do poder nas mãos do Partido, o *status quo* imutável, o apagamento da história, dos povos e indivíduos. Goldstein também afirma, afinal, que o superávit na produção geraria conforto material para a população, e isso levaria necessariamente a um despertar dela, o que acarretaria no fim da hierarquia e da sociedade de classes de 1984. Ao manter uma produção industrial constante que gere riqueza para o partido e a classe dominante (Inner Party), é preciso manter também o complexo industrial-militar. A solução para essa aparente contradição – isto é, o que fazer com o excedente de produção – é encaminhar esses recursos para a economia de guerra – ou seja, em última instância, os destruindo.

¹⁷Tângier-Brazzaville-Darwin-Hong Kong: o quadrilátero imaginário em que se encontram os antigos territórios do Norte da África, parte da África Subsaariana, o Oriente Médio e o Levante, a parte sul do subcontinente indiano, Madagascar, o Norte da Austrália, as ilhas do Oceano Índico, Papua Nova Guiné, Tailândia, Malásia, Filipinas, Indonésia, Taiwan e Hong Kong.

¹⁸1984, p.188. “Mas se não existissem, a estrutura da sociedade mundial e o processo pelo qual se mantém não seriam essencialmente diferentes” (trad.livre).

¹⁹ Idem. “É exaurir os produtos da máquina sem melhorar as condições gerais de vida” (trad.livre)

Mesmo a “classe média” da Oceânia, o Outer Party a que pertence o protagonista Winston, padece de condições materiais desfavoráveis. Ainda segundo o livro de Goldstein, *“it is a deliberate policy to keep even the favored groups somewhere near the brink of hardship, because a general state of scarcity increases the importance of small privileges and thus magnifies the distinctions between one group and another”*²⁰. Isso explica a multiplicidade de cenas de carestia que povoam o romance. Logo nas primeiras páginas, vemos o estado de decrepitude do prédio onde mora Winston: o elevador está sempre quebrado, ele precisa subir múltiplos lances de escada para chegar ao apartamento, a água tépida da banheira, o gim de gosto oleoso da marca genérica Vitória, o encanamento entupido da pia da Sra. Parsons e o cheiro de repolho que impregna os ambientes. Os membros do Outer Party, em condições materiais, não se diferenciam tanto dos proletas. Entre essas duas classes, percebemos que as diferenças se dão mais pela ideologia (senso de pertencimento ao partido, desdém pelos produtos culturais dos proles, vistos como menores, superioridade hierárquica, acesso às instalações e equipamentos do Partido, etc). Enquanto isso, o único membro do Inner Party que *1984* revela ao leitor que vive como um mandarim, em um apartamento funcional digno dos de Brasília, com acesso a vinho, doces e criados para lhe servir. Ainda assim, Goldstein sublinha que *“by the standards of the early twentieth century, even a member of the Inner Party lives an austere, laborious kind of life. Nevertheless, the few luxuries that he does enjoy – his large well-appointed flat, the better texture of his clothes, the better quality of his food and drink and tobacco, his two or three servants, his private motorcar or helicopter – set him in a different world from a member of the Outer Party”*²¹.

Em um mundo onde não há estímulos para melhorar os bens de consumo ou serviços voltados à população, os recursos materiais são dirigidos quase que em sua totalidade para o complexo industrial-militar. Dessa maneira, a inovação tecnológica se reduz ao aparato de vigilância às armas. Goldstein

²⁰1984, p.191. “É uma política deliberada para manter mesmo os grupos favorecidos no limiar da dificuldade, pois um estado geral de escassez aumenta a importância de pequenos privilégios e então extrapola as distinções entre um grupo e outro” (trad.livre).

²¹IDEM. “Pelos padrões do começo do século XX, mesmo um membro do Partido Interno vive uma vida austera e laboriosa. Mesmo assim, os poucos luxos que ele goza - seu amplo apartamento, a melhor textura das roupas, a melhor qualidade da comida, da bebida e do tabaco, seus dois ou três empregados, seu carro particular ou helicóptero - o colocam em um mundo diferente do membro do Partido Externo” (trad. livre).

cita algumas invenções bélicas que possuem formas análogas na contemporaneidade: “...*self propelled projectiles*”²²; “...*the almost unsinkable floating fortresses?*” nos remetem a invenções da modernidade (os drones, aeronaves menores controladas à distância) e da época em que viveu Orwell (os navios porta-aviões que singravam os mares do pacífico durante a Segunda Guerra Mundial). Um outro exemplo paradigmático é a *telescreen*: dispositivos que observam e escutam, servindo como aparato de inteligência e vigilância, ao passo que também geram áudio e vídeo, funcionando como instrumento de propaganda e controle da ordem.

Ainda na questão do estado perene de guerra e a escassez resultante, podemos encontrar outro paralelo histórico entre Emmanuel Goldstein e Leon Trótski, neste trecho da conclusão do clássico de 1918: *A Revolução de Outubro*.

A enorme indústria de guerra, que se apoiava sobre uma base econômica insuficientemente preparada, devorava as forças vivas do povo. A desmobilização dessa indústria criava as maiores dificuldades. Fenômenos de anarquia econômica e política estendiam-se por todo o território do país. (TRÓTSKI, 2017, p.131)²³

As palavras de Trótski nessas suas memórias de 1918 (quando a Revolução Russa tinha apenas oito meses) ilustra, de maneira semelhante à análise de Goldstein, a pauperização do proletariado russo, exaurido pelo direcionamento econômico voltado à economia de guerra, no período da Primeira Guerra Mundial. O livro foi escrito por Trótski durante as negociações de paz com a Alemanha (dezembro de 1917 a fevereiro de 1918), que resultaram no tratado de Brest-Litovsk e no fim do conflito da Rússia com os Impérios Centrais²⁴. Notemos a semelhança do trecho acima com a afirmação de Goldstein em *The Theory*, onde “*the primary aim of warfare (in accordance with the principles of doublethink, this aim is simultaneously recognized and not recognized by the directing brains of the Inner Party) is to use up the products of the machine without raising the general standard of living*”²⁵ Percebamos também as

²² “...projéteis guiados automaticamente...”; “as quase inafundáveis Fortalezas Flutuantes” (trad.livre).

²³ TRÓTSKI, Leon. *A Revolução de Outubro*. São Paulo: Boitempo, 2017.

²⁴Aliança sucessora da Tríplice Entente, que surgiu após a saída da Itália em 1915. Consistia nos impérios Alemão, Austro-Húngaro, Otomano e da Bulgária.

²⁵ 1984, p.188. “O objetivo primeiro da guerra (de acordo com os princípios do duplimentamento, esse objetivo é simultaneamente reconhecido e não reconhecido pelos

dessemelhanças: enquanto que os governantes russos direcionavam a economia para a guerra com vistas a ganhá-la e, conseqüentemente, atingir seus objetivos geopolíticos, o efeito de esfomear as massas era algo colateral, e não proposital, como ocorre em *1984*. Para a Oceânia e as outras superpotências, manter as populações em estado de penúria material é um dos objetivos principais. Da mesma maneira, a anarquia econômica e política descrita por Trótski não seria possível no romance, tendo em vista a aniquilação do potencial revolucionário das massas, nessa distopia perfeita que é *1984*. É interessante notarmos também que há um sinal da semelhança entre a escrita não-ficcional de Orwell e da voz narrativa de Goldstein. Percebamos que o período acima descrito é iniciado pela frase “the primary aim of warfare...” que é logo entrecortada por um longo tangenciamento entre parênteses. O argumento só é retomado duas linhas de texto depois, em “is to use up the products...”, o que dificulta de certa maneira a sua apreensão. Esse é um recurso estilístico utilizado largamente por Orwell em seus ensaios e livros jornalísticos.

Mas, talvez seja o trecho a seguir a verdadeira cruz do argumento de Goldstein acerca da natureza da guerra entre as superpotências de 1984. Vejamos:

Moreover, the labor of the exploited peoples round the Equator is not really necessary to the world's economy. They add nothing to the wealth of the world, since whatever they produce is used for purposes of war, and the object of waging a war is always to be in a better position in which to wage another war. [...] But if they did not exist, the structure of world society, and the process by which it maintains itself, would not be essentially different.²⁶ (*1984*, p.188)

Isto é: essa guerra perene é, em última instância, desnecessária. Ele é pelo propósito único de ser, como um *uroboros*, uma serpente que gira em torno de si mesma, alimentando-se de si. Caso fôssemos interpretar *1984* sob uma ótica puramente formal, calcada nos valores tradicionalmente atribuídos à forma romanesca (lógica interna do enredo, agência dos personagens,

cérebros dirigentes do Partido Interno) é de exaurir os produtos da máquina sem que haja um aumento corresponde no padrão de vida” (Tradução livre).

²⁶ Então, o trabalho dos povos explorados ao largo da Linha do Equador não é realmente necessário para a economia do mundo. Eles adicionam nada à riqueza do mundo, pois qualquer coisa que produzam é utilizada com o propósito da guerra, e o objeto de fazer a guerra é sempre estar em uma melhor posição para, então, começar outra guerra. [...] Se não existisse, a estrutura da sociedade mundial, e o processo pelo qual se mantém, não seria essencialmente diferente” (trad. livre).

complexidade psicológica, motivações) seríamos obrigados a encarar a natureza da guerra entre Oceânia, Lestásia e Eurásia como ilógica, um “buraco” no enredo. É possível que de fato seja. Mas podemos interpretar também essa autodestruição perene dos povos, economias e países como um elemento que ressalta o tom essencial de *1984*: o terror, a absoluta inescapabilidade do vazio. A espiral até a aniquilação – tanto física quanto mental – da trajetória de Winston e de outros personagens coadjuvantes da trama encontra-se em um movimento paralelo à perenidade da guerra. Esse é um dos objetivos de Orwell ao escrever a distopia perfeita: conjurar um mundo em que o *bildungsroman* às avessas que é o “despertar” de Winston para a possibilidade de rebeldia, de agência e de felicidade seja absolutamente impossível – pois a individualidade desaparece em meio às bombas que explodem aleatoriamente nas ruas de Londres; na aniquilação da língua através do *newspeak*; na escravidão dos trabalhadores escravos cujo destino é engraxar as partes da máquina da guerra.

Referências

- BLOOM, Harold [org.]. *Bloom's Modern Critical Views: George Orwell*. Nova Iorque: Chelsea House, 2007. [Em inglês]
- BOUNDS, Philip. *Orwell and Marxism: the political and cultural thinking of George Orwell*. Londres: I.B. Tauris, 2009. [Em inglês]
- BOWKER, Gordon. *George Orwell*. Londres: Abacus, 2003. [em inglês]
- CRICK, Bernard. *George Orwell: a life*. Londres: Sutherland House, 1980. [Em inglês]
- DUARTE, Érico Esteves. Saber Sobre A Guerra: a teoria de Carl von Clausewitz in LUCENA SILVA, Antonio Henrique; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W.M. **Introdução aos Estudos Estratégicos**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.
- EAGLETON, Terry. **Reach-me-down Romantic**. London Review of Books, Vol 25, n ° 12, 19/06/2003. [em inglês]
- HITCHENS, Christopher. **A Vitória de Orwell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
-

LYNSKEY, Doria. *The Ministry of Truth: a biography of Orwell's 1984*. Londres: Picador, 2019. [Em inglês]

NEWSINGER, John. **George Orwell: uma biofrafia política**. Lisboa: Antígona, 2010.

ORWELL, George. *1984*. Nova Iorque: Signet Classics, 1977. [Em inglês]

_____. **Dentro da Baleia e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Fighting In Spain*. London: Penguin, 2007. [Em inglês]

_____. Literature and Totalitarianism. In *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. Londres: Harcourt & Brace, 1968. [Em inglês]

_____. **O Que É Fascismo? : e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Why I Write in Such, Such Where the Joys*. Nova Iorque: Harcourt Brace, 1953.[Em inglês]

TROTSKY, Leon. **A Revolução de Outubro**. São Paulo: Boitempo, 2017

TROTSKY, Leon. *The Revolution Betrayed*. Tradução de Max Eastman. Nova Iorque: Pathfinder Press, 1972. [Em inglês].

WILLIAMS, Raymond. **Orwell**. Londres: Penguin, 1971. [Em inglês].